



Roteiros

18. Boletim Informativo do Instituto Dom João de Castro

O Infante

*Deus quere, o homem sonha, a obra nasce.
Deus quíz que a terra fosse toda uma,
Que o mar unisse, já não separasse.
Sagrou-te, e foste desvendado a espuma,*

*E a orla branca foi de ilha em continente,
Clareou, correndo, até ao fim do mundo,
E viu-se a terra inteira de repente,
Surgir, redonda, do azul profundo.*

*Quem te sagrou creou-te portuguez.
Do mar e nós em ti nos deu signal.
Cumriu-se o Mar, e o Império se desfez.
Senhor, falta cumprir-se Portugal!*

Fernando Pessoa
Mensagem

Sagres

*Vinha de longe o mar...
Vinha de longe, dos confins do medo...
Mas vinha azul e brando, a murmurar
Aos ouvidos da terra um cósmico segredo.*

*E a terra ouvia, de perfil agudo,
A confidencial revelação
Que iluminava tudo
Que fora bruma na imaginação.*

*Era o resto do mundo que faltava
(Porque faltava mundo!).
E o agudo perfil mais se aguçava,
E o mar jurava cada vez mais fundo.*

*Sagres sagrou então a descoberta
Por descobrir:
As duas margens da certeza incerta
Teriam de se unir!*

Miguel Torga
Poemas Ibéricos



Ao Infante D. Henrique

6.º Centenário do Seu Nascimento

LUSÍADAS

Canto VIII — Estrofe 37

Olha cá *dous* Infantes, Pedro e Henrique,
Progénie generosa de *Joanne*;
Aquele faz que fama ilustre fique
Dele em Germânia, com que a morte engane;
Este, que ela nos mares o *pubrique*
Por seu descobridor, e desengane
De *Ceita* a Maura tímida vaidade,
Primeiro entrando as portas da cidade.

POR UM PERFIL DE ADRIANO MOREIRA



O acto que hoje aqui nos congrega, nesta vetusta sala da mais que centenária Sociedade de Geografia de Lisboa, por onde ecoa o nome de mil personalidades que deram lustre e honra a Portugal, este acto, dizia, é dos raros que nos enchem a todos a alma de alegria. Aqui nos reunimos, *libente animo*, familiares, amigos,

discípulos, colaboradores, admiradores de um Homem que é, a muitos títulos, modelo de cidadãos e que, por seus actos, virtudes e dotes de inteligência e de cultura nos orgulhamos todos os seus amigos de apontar como digno par na galeria dos mais ilustres varões portugueses.

Bem andou o Senhor Almirante Sousa Leitão, personalidade que todos respeitamos, como dirigente desta prestigiosa Instituição, distintíssimo oficial superior que à Pátria tem prestado os mais altos e honrosos serviços, carácter ímpoluto tantas vezes revelado, bem andou o Senhor Almirante ao promover esta homenagem.

E não o fez por mero acto de comprazer, antes o anima um sentimento de gratidão, que aliada à lealdade, é o que mais dignifica os homens, virtudes que não nos fica mal exaltar nos tempos que correm. Conhece bem o Senhor Almirante, e reconhece, quanto a Sociedade, de que é muito ilustre Presidente, é devedora a quem hoje homenageamos; sabedor da sua acção como dirigente desta Casa, conhece como a dignificou e alargou o seu prestígio, como se lhe deve a renovação das instalações e a criação de benefícios para os associados, a realização de iniciativas culturais que projectaram além fronteiras o nome da Sociedade de Geografia de Lisboa e, conseqüentemente, o do País. Razões fortíssimas havia para que lhe fosse justamente atribuído o mais honroso galardão: a medalha de honra da Sociedade, só a muito raros concedida, em retribuição de altíssimas acções em benefício desta nobre Casa.

Permito-me, assim, neste momento, dada vénia por V.

Ex.^{as}, recordar alguns serviços prestados ao País pelo Prof. Adriano Moreira; porque a memória dos homens é curta, bom é que se não esqueçam os actos dignos de registo, porque o foram pela causa da Pátria, nem o nome de quem os praticou e, por isso mesmo, se tornou credor da gratidão dos Portugueses.

Na sua actividade pública, distingo o cidadão, o professor, o estudioso e investigador, o escritor, o político e parlamentar. A ordem indicada não é inteiramente significativa, porque então a actividade política, ou seja, de cidadão devotado à Pátria, em simultâneo com as funções docentes, ocuparia, penso eu, o primeiro plano.

Sempre lhe conhecemos esse pendor, que, servido por uma inteligência invulgar, revela uma predisposição natural para dar-se inteiramente às coisas públicas, à Nação, ao País real. Adriano Moreira colocou em todo o tempo, acima de tudo, os valores pátrios, e nesse empenhamento, quer se concorde ou discorde da sua maneira de pensar e de agir, ninguém lhe negará esta grande virtude: o ter sido sempre autêntico. Nunca vi quem mais denodada e generosamente se batesse, enquanto pôde, ou lho permitiram, em defesa do Ultramar português. E tenha-se a hombridade de reconhecer a coerência de actuação de que deu sobejas provas, como homem de um só parecer, a não trair as raízes transmontanas, terra conservadora de virtualidades que ajudaram a tornar muito grande um Reino pequeno.

Outros terão já apurado — eu o desconheço — a quem ou a quem deve Adriano Moreira a sua formação ética e cultural e essa disciplina intelectual que dele fizeram



não apenas um Mestre de saber, mas ainda — o que considero mais importante — um verdadeiro pedagogo. Admito que à Providência, à educação na Casa paterna, à vontade de triunfar, aliada à excepcional capacidade de trabalho, e talvez ainda ao exemplo ancestral de transmontanos ilustres, que ele próprio exaltou em páginas de devoção patrícia. A tudo se juntou, penso eu, a graça de ser pobre, ou antes, no conceito franciscano, de ter consigo a riqueza da pobreza, que é o que mais fortalece e enriquece o Espírito. Por isso também os seus discípulos o respeitam e, por todas as partes do mundo onde se encontram, adoram o seu Professor e dele guardam a mais grata lembrança, como eu mesmo tenho podido testemunhar.

A orientação e os limites da acção governativa, que desejou fossem sempre seus, não poucos amargores lhe trouxeram, como tantas vezes acontece ao Homem que deseja, na pureza da sua intenção, servir melhor o semelhante, sem subserviência nem sujeição.

Ainda hoje se lamenta que não tenha sido ouvido, a tempo, em sugestões que tão ricas se mostravam para o País, como foi a sua proposta de criação de um Ministério da Ciência e da Educação, tema da *oração de sapiência* pronunciada na Universidade Técnica de Lisboa, em 14 de Novembro de 1966. É que também, como no exemplo tão conhecido do frade quatrocentista, a sua pregação não era do agrado dos poderes constituídos. Mas, afinal, o que se pretendia expunha-se com toda a clareza: na falta de uma política para a Ciência em geral e para as Ciências Sociais em particular, que não podiam corresponder ao que já então se lhes exigia, por inexistência de estrutura apropriada da investigação e do ensino, tratava-se de estabelecer com urgência uma política para a Ciência. «Permitir aos homens adaptarem-se às condições novas», já que as Ciências Sociais lidavam necessariamente com os problemas de mudança social». Mas não: uma vez mais, houve «desvio das soluções aconselháveis»: definição premente de uma política nacional para a Ciência, uma tese sistematicamente adiada, com o prejuízo que todos depois reconheceram.

Quem quer que se debruce sobre a vasta bibliografia do Prof. Adriano Moreira não pode deixar de impressionar-se com a dimensão da obra, a diversidade temática e simultaneamente com a riqueza e profundidade da informação. Toda ela, porém, em obediência a um denominador comum: o culto da Pátria. Aconteceu-me a mim, que tenho gasto uma boa parte da minha vida a estudar Camões, ter encontrado n' *O Manifesto d'Os Lusíadas*, publicação sua, divulgada pela Academia Internacional da Cultura Portuguesa, novidades sensacionais no domínio da Camonologia, a que farei breve referência.

Os Lusíadas, que foram, e continuam a ser, objecto dos mais diversos estudos — tudo neles se contém, para a todos interessarem —, foram-no também, por várias vezes, no aspecto político. Nunca, porém, ninguém interpretou o Poema como Adriano Moreira o fez, ou seja,

como documento essencial, definidor daquilo a que chamou *a maneira portuguesa de estar no Mundo*. A designação fez escola e correu de boca em boca, ou de pena em pena, sendo hoje usada como frase de antologia, esquecendo-se por vezes o nome do seu autor. Mas a importância primordial de *Os Lusíadas*, no plano político, está em que neles se projecta um programa nacional, a que os Portugueses se mantiveram fiéis nos períodos de crise: assim foi durante o domínio filipino — nunca se fizeram tantas edições da obra camoniana, da epopeia e da lfrica, como no séc. XVII (ela foi, por assim dizer, a obra-prima da literatura autonomista no tempo dos Filipes, o que levou alguém a escrever que «os Portugueses fizeram a Restauração de 1640 com *Os Lusíadas* na mão»); também por isso, combatentes houve que levaram consigo para Alcácer Quibir — cúmulo do ideal da Cavalaria — um exemplar d' *Os Lusíadas*; foi assim em 1880, ano do 4.º Centenário da Morte do Poeta, e as comemorações assumiram um cariz tal, que parece terem sido determinantes na oposição ao regime vigente e na sua subsequente queda.

Para além de obra poética de valor inestimável, «*Os Lusíadas* significam uma tomada de posição na querela dos objectivos nacionais.»

O debate entre a *concepção* ou *projecto oceânico* e a *concepção continental*, está consubstanciada no «Epi-



AGR
viagens

Rua Rosa Araújo, 49-A — 1200 LISBOA
Telef. 352 24 69 — Telefax 42754 Acptur P
Fax 540903

FILIAIS:

Shopping Center de Lisboa (Amoreiras), Loja 1122
Telef. 387 22 88 — Telefax 64888 Acpamo P
Lic. Op. Tur. DGT n.º 378
Fax 691442

Rua Santa Catarina, 848/852 — 4000 PORTO
Telefs. 200 24 99 — 200 25 00
Telex 27133 Acptu P
Fax 200 25 02



**O atendimento
mais acolhedor
o serviço mais eficiente**

sódio do Velho do Restelo», é primorosamente analisado por Adriano Moreira. Que a fala desse Velho, «de aspecto venerando», como convinha, era a voz dos sem-razão, demonstrou-o o desastre de Alcácer Quibir. Com a adopção do projecto oceânico, defendido por Camões, escreveram os Portugueses «o mais glorioso dos manifestos para a mais espectacular gesta do Ocidente cristão».



Que *Os Lusíadas* estão no centro da definição do plano sebastianista, ou processo ideológico de assegurar a esperança, de que o Padre António Vieira é representante máximo, e são o «canto de um povo em expansão, projecto de um Estado em movimento, manifesto de uma opção política fundamental» e, por isso mesmo, andaram «no bolso e na cabeceira dos construtores de um espaço português multicontinental», mostramo-lo Adriano Moreira em páginas de grande elevação estilística e larga informação histórico-literária, devidas a um analista político de invulgar talento.

Estas duas dezenas de páginas sobre o texto d'*Os Lusíadas* marcam posição de grande relevo na bibliografia crítica camoniana, diferentes de tudo, na forma e na substância.

Dispondo de mais alguns minutos, sem pretender, contudo, abusar da benevolência com que me escutam,

não deixarei de mencionar ainda um ou outro livro do Prof. Adriano Moreira, que me interessou em particular, difícil de justificar a preferência. Um livro há, porém, que despertou a atenção de todos os Portugueses — e a justificá-lo está o elevado número de edições que rapidamente conheceu. Refiro-me a *O Novíssimo Príncipe*, uma «análise histórica do fenómeno geopolítico resultante da revolução de Abril de 74», mais de duas centenas de páginas, com dedicatória sintomática aos mais íntimos familiares e, homenagem singular, ao cronista Diogo do Couto, autor de *O Soldado Prático*, ou do registo da contabilidade do passivo de *Os Lusíadas*, como qualifica metaforicamente, em imagem felicíssima, esta obra do amigo de Luís de Camões. Como é conhecido, foi em Moçambique, ilha, escala obrigatória para as naus da carreira da Índia, que Diogo do Couto encontrou Luís de Camões, tão pobre que vivia dos amigos, mas ali aperfeiçoou a redacção d'*Os Lusíadas*; foi um dos que se juntaram para lhe pagar a passagem para o Reino, e pena é que não tivessem chegado até nós os comentários que, a pedido de Camões, Diogo do Couto ainda teria feito aos primeiros cantos d'*Os Lusíadas*, trabalho de que desistiu, e destruiu, por ter sido encarregado por El-Rei de prosseguir a redacção das *Décadas* de João de Barros.

A aproximação entre *Os Lusíadas* e *O Soldado Prático*, pela primeira vez feita, que eu saiba, com profundidade, bem se compreende num livro como *O Novíssimo Príncipe*, em que se pugna pela preservação da identidade e pela fidelidade a valores definitivos da nacionalidade, que em circunstância alguma devem deixar de constituir preocupação de Portugueses.

Neste livro, de indiscutível oportunidade, e de rara inspiração patriótica, há páginas indeléveis de doutrina camoniana (ou não tivesse Adriano Moreira sucedido, por mérito próprio, na Academia Brasileira, a Hernâni Cidade!), como aquelas em que se afirma que as sucessivas edições seiscentistas d'*Os Lusíadas* constituíram o motor espiritual da resistência portuguesa à união a Castela. Mais ainda: *Os Lusíadas* fixaram definitivamente o Português como língua independente, e impediram a sua passagem a segunda língua, face ao idioma castelhano.

Em suma: *O Novíssimo Príncipe* é não apenas uma análise profunda da situação política portuguesa decorrente da Revolução de Abril de 74, mas também o testemunho firme de um analista de ciência política que não rejeitou a herança histórica da Nação, e para quem Pátria, Patriotismo e Culto da Bandeira são valores de veneração secular, imperecíveis.

Que diria eu, se me restasse tempo, da magistral conferência pronunciada em S. Salvador da Baía, no 10 de Junho de 1968, *Para Uma Convergência Luso-Brasileira*, na qual defende a criação do Instituto Camões, e de todo um programa de acção que ainda seria oportuno ponderar hoje em dia.

Ou da conferência *Congregação Geral das Comunidades Portuguesas*, pronunciada em 1964 em Aveiro,

iniciativa da Sociedade de Geografia, comemorativa da *Semana do Ultramar*, donde nasceu a sugestão de criação de um organismo com aquela designação, não de carácter burocrático, mas verdadeira corporação de comunidades portuguesas, de descendentes de Portugueses ou de filiados no amor a Portugal, destinada a salvar e guardar o portuguesismo no mundo.

Ou o discurso *Partido Português*, que lhe ouvimos em Cabo Verde, terra onde se aprendia o patriotismo.

Não me refiro já aos *Ensaio*s, publicados e republicados aos milhares pela Junta de Investigações do Ultramar, e que é hoje um clássico da ciência política e social, livro de leitura obrigatória para o universitário de qualquer Faculdade, se pretende esclarecer-se para melhor compreensão do presente.

A Europa em Formação é um livro mais recente, edição da Academia Internacional da Cultura Portuguesa, sucessivamente reeditado, conjunto de ensaios da maior relevância política, entre eles a conferência *A Conjuntura Internacional Portuguesa* com que se encerrou a última *Semana do Ultramar* organizada pela Sociedade de Geografia, em Novembro de 1973. Estas sessões anuais, de grande solenidade, para reflexão sobre os temas nacionais, obviamente se interromperam. Mas eu pergunto-me se seria grande ousadia da minha parte propor que a veneranda Sociedade de Geografia de Lisboa voltasse a realizá-las, agora com *Camões, Os Lusíadas e a Maneira de Estar no Mundo* por tema de fundo, de modo que na *Sala Portugal* se voltasse a ouvir a voz autorizada de portugueses e de estudiosos estrangeiros da especificidade da nossa Cultura.

Por último, e para encerrar com chave de ouro, recordarei a lição proferida em 1985 no então Instituto Universitário de Trás-os-Montes e Alto Douro, subordinada ao tema *Os Transmontanos no Mundo* — *Luciano Cordeiro, Sarmento Rodrigues*, «tão caro aos que ali nasceram e para sempre guardaram a marca da origem e o amor das origens, tão útil para os que procuram revigorar os valores do portuguesismo», para me servir de palavras suas.

Luciano Cordeiro e Sarmento Rodrigues, dois transmontanos muito ilustres que também «enfrentaram o problema da relação de Portugal com o mundo»; ambos viveram em período de crise de graves consequências para o País e deram testemunho exemplar de comportamento, enquanto a esta Casa prestaram relevantes serviços, o primeiro tendo sido seu fundador e redactor dos Estatutos, o segundo que aqui presidiu à Comissão

Infante D. Henrique onde desenvolveu notável acção cultural, ao mesmo tempo que fundava a Academia de Marinha, instituição altamente prestigiada. Quando, dentro de cinco anos, decorrer o centenário do nascimento de Sarmento Rodrigues, quem cá estiver não deixe de celebrar condignamente esta excelsa figura de Português.

Uma das feições admiráveis na obra de Adriano Moreira é que nunca esquece os Portugueses, de todas as épocas, que bem-mereceram da Pátria. Ainda há pouco o ouvimos, e com que dignidade!, homenagear Azeredo Perdigão, outro dos nobres varões de que a Terra Portuguesa se orgulha, proclamado oficialmente, e por proposta de Adriano Moreira, «benemérito da Pátria».

Mas hoje cumpre-nos sobretudo celebrar, e para tanto recebemos mandato da Direcção desta Casa, e agradecer tudo quanto o Prof. Adriano Moreira fez, e continua a fazer, para honra e benefício da Sociedade de Geografia de Lisboa e dos seus associados. Já o re-



cordou, com a grande autoridade que todos lhe reconhecemos, o actual Presidente, Senhor Almirante Sousa Leitão. Por tudo, aqui deixamos, ao lado das mais insignes personalidades que serviram esta veneranda Casa de Portuguesismo, o retrato do Prof. Adriano Moreira. Que a Posteridade o respeite!

Eis, Senhoras e Senhores, o que procurei em descolóridas palavras, despreziosas e simples, mas agradecidas: esboçar o perfil intelectual de Adriano Moreira, e traçar o retrato moral de um cidadão modelar, de um pedagogo exemplar, de um Português de lei. Outros o fariam, por certo, com maior elevação, mas a ninguém concedo que me ultrapasse no respeito, na admiração, na gratidão que lhe devoto.

Lisboa, 20 de Janeiro de 1994.

Justino Mendes de Almeida

LEMBRANÇAS DA MINHA MEMÓRIA

«LOUVEMOS OS VARÕES ILUSTRES A CUJA GERAÇÃO PERTENCEMOS»
(ECLESIÁSTICO — 44-1) (1)

1 — Em 21 de Novembro de 1989 era eleito Académico Correspondente da Academia Internacional da Cultura Portuguesa. Tomei posse no dia 2 de Março de 1990 na Sala Portugal da Sociedade de Geografia de Lisboa, fazendo o elogio do meu predecessor e grande amigo, o Senhor D. Manuel Trindade Salgueiro, intitulado o meu discurso — «O Meu Testemunho», revelando uma série de factos relacionados com a criação e construção do Colégio Universitário Pio XII em que interveio o Sr. D. Manuel Trindade Salgueiro e que eram do meu único conhecimento.

Essa sessão foi presidida pelo Senhor Presidente da República Dr. Mário Soares e pelo nosso Presidente da Academia Prof. Doutor Adriano Moreira que quiseram ser generosos comigo, concedendo-me o grau de Grande Oficial da Ordem da Instrução Pública.

Tive de confessar e com verdade, que tanto a minha eleição para Académico Correspondente, como a condecoração recebida, eram de facto de muito peso para as minhas forças, porém, tive de aceitar o duplo desafio e fazer os possíveis para não desmerecer a confiança em mim depositada.

2 — Passaram-se quase 4 anos e muitos factos importantes aconteceram neste nosso Portugal: uns positivos e que nos trouxeram alegria e alimentaram a nos-

sa esperança em relação ao futuro do nosso país, outros opacos, que nos fizeram meditar seriamente em certos problemas que nos acompanham nestes tempos de mudança e de crise.

Porém aconteceram outros que entristeceram os mais conscientes da nossa Comunidade Nacional, porque nos deixaram órfãos, tendo em conta o lugar cimeiro que ocupavam por mérito próprio, pelo trabalho realizado durante décadas no Campo da Cultura, da Educação, da



elevação moral e social de camadas sociais um tanto esquecidas.

Refiro-me ao facto da morte do nosso ilustre Colega Académico de Número, Senhor Doutor José de Azerêdo Perdigão acontecida no dia 10 do passado mês de Setembro.

A sua rica personalidade aparecia sempre moldurada pela virtude da modéstia. Foram sempre assim as grandes figuras da nossa sociedade civil a que ele pertencia, que ilustrou e serviu com grande dedicação.

3 — Com data de 30 de Setembro recebi uma carta assinada pelo Senhor Professor Doutor Adriano Moreira enquanto Presidente da Academia Internacional da Cultura Portuguesa a comunicar-me, que em Assembleia Geral, realizada no dia anterior, tinha sido eleito Académico de Número, para ocupar a vaga aberta pela morte do Doutor Azerêdo Perdigão, solicitando a res-



posta da aceitação e que indicasse em que data desejava fazer a comunicação da praxe académica.

A carta foi recebida no dia 5 e como parti para Santiago de Compostela como peregrino do Jubileu Jacobeu, não foi possível responder imediatamente.

Em 13 respondia afirmando, que a eleição constituía para mim um honra, que julgo não merecer, mas que aceitava com gratidão, as funções e obrigações inerentes. Em relação à data para tomar posse, não podia indicar, visto ter assumido uma série de compromissos inadiáveis, ligados a obrigações académicas e administrativas e estarmos no princípio de um novo ano Escolar.

O Senhor Presidente marcou para este dia, 26 de Novembro e aqui me encontro obedecendo como humilde religioso, pois de «Confraria Cultural» se trata.

De facto, encontro-me numa situação embaraçosa ao ter que fazer o elogio do meu antecessor.

Realmente constitui um atrevimento muito grande da minha parte vir aqui falar do Sr. Doutor José Azerêdo Perdigão, especialmente após a Sessão Solene proposta pelo Presidente da República à Conferência dos Representantes dos Grupos Parlamentares na 1.ª reunião, após o seu falecimento.

A proposta foi aceite por unanimidade, tendo em conta a personalidade multifacética do «cidadão, do juríconsulto e advogado, pelo projectista e construtor da Fundação Calouste Gulbenkian e pelo seu primeiro Presidente, que soube estar atento ao mundo e ser prospectivo no meio de muitas mudanças e surpresas, que agitaram o tempo da sua vida. («Citação do discurso do Sr. Presidente da República»).

Li os 6 discursos pronunciados no hemiciclo de S. Bento e eu ficaria por aqui, dizendo «Amen», como convém a um clérigo, após as orações públicas e solenes.

Porém como o lugar que agora ocupo não é de «clérigo» e pelo mesmo poderia pôr algumas apostilhas às afirmações feitas no hemiciclo, mas o meu dever é dizer alguma coisa mais do que foi dito e na sequência do que foi dito — *do homem que serviu os valores da Nação que «amava»* (Adriano Moreira).

A nação é uma realidade viva, através do travejamento de inúmeras células ou pequenas instituições de natureza diferenciada, com objectivos e métodos diferenciados e programas apropriadas aos seus objectivos.

A Nação não é um conceito abstrato, mas uma realidade viva e vivida pelos cidadãos mais conscientes, que fazem que seja uma realidade contínua.

O Dr. Azerêdo Perdigão foi um servidor de um sem número de instituições, espalhadas pelo país de Norte a Sul e de Leste a Oeste, que são a nação.

4 — É do Colégio Universitário Pio XII, uma das tantas instituições que foi apoiada pela Fundação Calouste Gulbenkian, que é dizer pelo Dr. Azerêdo Perdigão, enquanto Presidente do Conselho de Administração, que desejo lembrar alguns factos importantes para a vida daquela Instituição.

«Quero pois dar o meu Testemunho» e como, o meu, poderão ser dados milhares, pois é rara a instituição cultural em Portugal, que não tenha uma dívida de

gratidão com a Fundação Calouste Gulbenkian e o seu falecido 1.º Presidente.

FUNDAÇÃO DO COLÉGIO UNIVERSITÁRIO PIO XII

A ideia da restauração dos Colégios Universitários em Portugal, extintos por arrastamento em 1834 pela lei da supressão das Ordens Religiosas, data de 1949 e vai-se clarificando e reafirmando em 1950 com a compra dum lote de terreno de 8.665 m² arrematado em hasta pública a 15 de Março de 1950 sendo a Carta assinada pelo Presidente da República António Óscar de Fragoso Carmona em 26 de Março de 1951.

Em 26 de Fevereiro de 1951 era comprada à C.M. de Lisboa um outro lote contíguo de 14.946 m² na Cidade Universitária.

A escritura foi assinada pelo então Presidente da C.M. de Lisboa Sr. Tenente Coronel Álvaro Salvação Barreto.

Em nome da Província Portuguesa da Cong. dos Missionários do Coração de Maria assinou como representante, quem agora vos fala.

Conseguimos nesse ano Santo de 1950, o terreno suficiente, 23.611 m² situado na Cidade Universitária de Lisboa para a construção de um Colégio Universitário, que precisa um espaço amplo para campos desportivos e zonas verdes.



HOTEL ROMA

* * *

AVENIDA DE ROMA, 33 — 1700 LISBOA
END. TELEG. - ROMATEL — TELEX 16586 P
TELEFONE 76 77 61 (10 LINHAS)

EM FÁTIMA:

* * *

HOTEL SANTA MARIA

Rua de Santo António
Telefs. (049) 51015/51025 — Telex 43109

HOTEL DOM JOSÉ

Av. D. José Alves Correia da Silva
Telefs. (049) 52215/52225 — Telex 43279

Se esta 1.ª operação não foi difícil, virão agora outras, nada fácil de ultrapassar.

Perdera-se a tradição dos Colégios Universitários em Portugal, pois tinham-se passado 116 anos e tinham surgido as Repúblicas de Coimbra, como a querem substituir em parte, as funções dos antigos Colégios Universitários.

Criou-se uma mentalidade difícil de ultrapassar a nível do Estado e até a nível de Igreja.

Não é este o momento de fazer essa história, que levou 7 anos para ser ultrapassada.

Não se perdeu o tempo: visitaram-se Colégios Mayores em Espanha, Colégios Universitários na França, na Bélgica, na Inglaterra e outras soluções paralelas para este problema, na Alemanha, na Holanda, para se fazer um projecto português, que foi encomendado ao Arquitecto Luís Binavente, da Direcção Geral dos Monumentos Nacionais.

Para a execução do projecto escolheu-se a Casa Amadeu Gaudêncio, bem conhecida em Lisboa.

No entanto, ficava em pé a dificuldade e não pequena, do financiamento da 1.ª parte do projecto aprovado pela C.M. de Lisboa, que rondava nos 6.000 C., que para essa época, era uma quantia avultada.

Em Novembro de 1966 iniciadas já as obras, pedi uma audiência ao Presidente do Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian, que tinha si-

do reconhecida pelo Governo em 18 de Julho desse mesmo ano.

Foi nessa audiência, que por vez primeira contactei, com o Dr. Azerêdo Perdigão, a quem expuz o projecto da criação na Cidade Universitária de Lisboa dum Colégio Universitário, restaurando assim em Portugal a tradição dos Antigos Colégios Universitários de Coimbra, solicitando um apoio financeiro.

A entrevista decorreu com muito interesse, em que se focou o problema do apoio aos estudantes vindos do interior do país e do Ultramar, pois não existiam instituições de apoio, a não ser, as modestas residências da Mocidade Portuguesa.

Ou porque eu não soube apresentar bem a causa, ou porque esse tipo de apoio, não entrava no programa da recém criada Fundação, o projecto Pio XII não conseguiu qualquer apoio financeiro do Dr. Azerêdo Perdigão.

Reconheço a esta distância, que a pessoa que então apresentava o projecto, talvez não dava garantias suficientes para uma obra dessa envergadura, tendo em conta, que não tinha surgido até esta data, nenhuma outra experiência nesse campo, para restaurar entre nós as velhas instituições académicas da R. da Sofia e da velha acrópole de Coimbra.

A primeira parte das instalações do Colégio Universitário Pio XII, inauguradas solenemente em 26 de Maio de 1957 pelo então Núncio Apostólico, logo a seguir Cardeal D. Fernando Cento, começam a funcionar em Outubro desse ano.

A imprensa da época deu grande relevo ao facto.

O Colégio Universitário Pio XII, veio ocupar um espaço académico importante, pois propunha-se resolver os problemas inerentes à deslocação dos estudantes, que do interior do País se deslocavam para Lisboa a frequentarem os cursos universitários e onde não tinham apoio.

Criou-se um Centro Cultural que vai ser animado por figuras de grande relevo na vida cultural e científica da cidade.

A sua sala da Biblioteca transformou-se num Cenáculo, onde eram apresentados e analisados problemas nacionais e europeus.

A Associação de Estudantes do Colégio Universitário Pio XII foi um elemento altamente dinâmico na vida do Colégio com repercussões culturais a nível de Lisboa e da Nação.

A Instituição Colégio Universitário Pio XII em 6 anos criou uma imagem respeitada nos meios académicos e lançou um Projecto arrojado para a época, a criação dos Encontros Europeus de Universitários, com o objectivo de motivar os meios académicos ao estudo da nova problemática europeia, que tinha surgido nos pós-guerra e que com a assinatura em Março de 1957 do Tratado de Roma formara a C.E.E. o grupo dos 6.

Curioso, o Colégio Universitário Pio XII é inaugurado no mês de Maio do mesmo ano da assinatura do Tratado de Roma.

5 — ACÇÃO CULTURAL DO COLÉGIO UNIVERSITÁRIO PIO XII E OS APOIOS RECEBIDOS DA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

5.1. — Os Encontros Europeus de Universitários

A ideia do lançamento dos Encontros Europeus de Universitários surge no diálogo da Direcção do Colégio



CAVES DA

Montanha

A. HENRIQUES, L^{da}

SEDE EM: ANADIA — PORTUGAL

Teleg.: Montanha

Telefs 92260 e 52611

Telex 53081

Apartado 18

3781 ANADIA CODEX



«A. HENRIQUES» — O REI DOS ESPUMANTES

7 CONCURSOS DA J. N. V. = 7 MEDALHAS DE OURO |

CONCURSO DE BUCARESTE = 1 MEDALHA DE OURO |

CONCURSO DE BRATISLAVA (1971) = 1 MEDALHA «OR» |

Concurso de Bratislava (1975) = 1 MEDALHA «GRAND OR» |

CONCURSO DE MILÃO (1976) = 2 MEDALHAS DE OURO |



Espumantes Naturais - Vinhos do Porto - Licores Superfinos
Brândies - Aperitivos - Vinhos de Mesa

com a Direcção da Associação de Estudantes em 1964, ou seja passados 7 anos de experiência da vida da instituição, quando o Colégio atingiu a sua plenitude com a construção da segunda parte do projecto, passando de 70 para 140 estudantes; a maior comunidade estudantil dum Colégio Universitário na História dos Colégios Universitários portugueses.

O Projecto dos Encontros Universitários de Estudos Europeus, a sua filosofia subjacente, os seus objectivos e a sua metodologia: confiar a uma Comissão composta somente por estudantes e eleita democraticamente no Centro de Cultura Europeias, deu garantias suficientes para ganhar a confiança de instituições públicas e privadas a quem se solicitou o apoio financeiro para a execução de cada Programa, pois a Administração do Colégio não tinha hipótese de retirar verbas, que eram indispensáveis para o funcionamento do Colégio e para cumprir os compromissos financeiros assumidos com a C.G. de Depósitos.

O 1.º Encontro Europeu de Universitários realizou-se em Lisboa nas férias da Páscoa de 1965 e participaram nele 131 estudantes provenientes do Porto, de Coimbra, das duas Universidades de Lisboa e de 3 Colégios Maiores de Espanha.

A Comissão Organizadora pensou na formação duma Comissão de Honra que teve como Presidente o Dr. José de Azerêdo Perdigão e integrada pelo Prof. Dr. Francisco Poggio, Director do Instituto Espanhol de Lisboa e pelo Eng. Carlos Kruss Abecassis, Presidente da Junta de Investigação do Ultramar.

Este facto do Doutor Azerêdo Perdigão ter aceite a Presidência da Comissão Organizadora do 1.º Encontro estimulou as Comissões dos seguintes encontros II, III, IV e V a convidá-lo a aceitar o convite de integrar a Comissão de Honra daquelas Comissões e que as veio encorajar a solicitar o apoio financeiro para a realização dessas actividades culturais, realmente inovadoras no nosso meio universitário.

De facto, a Fundação Calouste Gulbenkian viria a conceder subsídios financeiros para a realização de quasi todos os Encontros Europeus de Universitários dependendo à volta de 2.100 C.

Nestes 25 Encontros participaram 1.967 estudantes universitários de diferentes nacionalidades, francesa, italiana, belga, alemã, brasileira e espanhola.

O investimento rondou nos 42.000 C.

Aqui fica a nossa gratidão à Fundação Calouste Gulbenkian e a outras instituições que depositaram nas Direcções dos 25 Encontros Europeus de Universitários, que tiveram o seu solene encerramento no dia 2 de Março de 1990 na sala «Portugal» da Sociedade de Geografia recebendo como recompensa a Medalha Jean Monnet das Comunidades das mãos do Presidente da República. Era a 2.ª Medalha entregue em Portugal, pois a 1.ª fora oferecida ao Sr. Presidente da República, Dr. Mário Soares.

Encerrado o Ciclo dos Encontros, iniciou-se o novo Ciclo: O Forum Universitário de Estudos Europeus.

Está em preparação o V que terá lugar em Tóquio nas p. Férias da Páscoa de 1994, se tudo correr bem. Foi solicitado um apoio à Fundação Calouste Gulbenkian, que já foi concedido.

VISITAS DO DOUTOR JOSÉ AZERÊDO PERDIGÃO AO COLÉGIO UNIVERSITÁRIO PIO XII

A) A 1.ª visita que o Doutor José Azerêdo Perdigão fez ao Colégio Universitário Pio XII foi em 12 de Novembro de 1963 para presidir a Sessão Solene da abertura das actividades Culturais do novo ano académico 1963/64.

A «Oração de Sapiencia» foi feita pelo Prof. Adriano Moreira, que tratou do tema: «As Fronteiras Ideológicas» estando presentes os Profs. Doutores Férreir Correia e Ramos e Costa, este Vice-Reitor da U. de Lisboa.

Encerrou a Sessão o Doutor Azerêdo Perdigão, que abordou o tema candente da falta de alojamento para estudantes universitários nas cidades universitárias portuguesas e muito especialmente em Lisboa, louvando o arrôjo da Direcção do Colégio Universitário Pio XII, que nessa altura estava empenhada na construção da 2.ª fase do Colégio que alargaria a sua capacidade de 60 para 145 estudantes, alojados todos em quartos individuais com casa de banho privativa, que para essa época era considerado um luxo.

Ao terminar a sua exposição comunicou um Projecto da Fundação Calouste Gulbenkian que desejava colaborar na solução desse difícil problema, construindo um lar universitário piloto em cada uma das 3 cidades universitárias de então: Lisboa, Coimbra e Porto.

Porém, o projecto não chegou a concretizar-se em parte devido a uma conversa privada que tive com ele em relação às dificuldades inerentes a constituir uma Direcção pedagógica para assumir a responsabilidade

INSTITUTO D. JOÃO DE CASTRO

boletim informativo trimestral
N.º de Registo 112 874

Direcção

António Maria M. Pinheiro Torres
(Secretário-Geral do IDJC)

Redacção

Sede do Instituto
R. da Madalena, 225 — 3.º Dto.
1100 LISBOA
Telef. 886 01 25

Propriedade

Instituto Dom João de Castro
N.º 212 873

Difusão

Pedidos à Redacção

Fotocomp. e imp. na Minigráfica — Coop. de Artes Gráficas, CRL
Rua da Alegria, 30 — Telef. 346 47 20 — 1200 LISBOA

DEP. LEGAL N.º 18 702/87

da orientação e direcção dos ditos lares, coisa nada fácil.

B) Visita acompanhada pela D. Madalena sua esposa e pelo seu filho mais novo — 4 de Maio de 1967.

No ano de 1967 o Colégio Universitário Pio XII celebrou o seu X aniversário e foi um ano cheio de acontecimentos Culturais. A nossa crónica regista como datas importantes: a realização do III Encontro Europeu de Universitários subsidiado pela *Fundação Calouste Gulbenkian*, que abriu solenemente com uma magnífica conferência do Professor Adriano Moreira sobre os valores culturais Europeus, na noite de 19 de Março.

A 2.ª noite dia 20, foram apresentadas 2 peças de teatro: «El Cuervo» de Alfonso Sartre pelo Grupo de teatro do Colégio Mayor de S. Bartolomeu de Salamanca e a «Conversation Synfonieta de Jean Tardieu» pelo Grupo de Teatro da Universidade Católica de Lovaina; e na 3.ª noite dia 21 foi apresentada a peça «A Rabeca», de Prista Monteiro pelo Grupo de Teatro do Colégio Universitário Pio XII, encerrando o espectáculo o Teatro Universitário de Lovaina com a peça «Fin de la parti» de Samuel Bechet.

Esta festa encerrou-se com a distribuição de prémios dos Jogos Florais.

Porém o evento mais importante desse X Aniversário foi sem dúvida a festa de encerramento das actividades

Culturais desse ano que se realizou no dia 4 de Maio e a que presidiu o Dr. José de Azerêdo Perdigão acompanhado por D. Madalena de Azerêdo Perdigão e seu filho mais novo.

Antes do jantar procedeu-se à inauguração da Sala de Música oferta da Fundação e que leva o nome do fundador «Calouste Gulbenkian».

Esta oferta da sala de Música com a sua aparelhagem e um conjunto de discos e 1 piano de 1/2 cauda Petrof foi um elemento importante para a formação musical de muitos jovens e ainda um pequeno cenáculo, onde se criaram muitas amizades, que até hoje perduram.

Após o jantar o Dr. Azerêdo Perdigão dissertou na sala da Biblioteca sobre o Fundador Calouste Gulbenkian, destacando a sua vida de grande Mecenas e homem simples e austero.

5.3. — Bolsas de Estudo

Nesse mesmo ano de 1965 iniciou-se um outro diálogo entre a Direcção do Colégio Universitário Pio XII e a Fundação Calouste Gulbenkian começando com uma entrevista com o Dr. Azerêdo Perdigão em que solicitei à Fundação 2 Bolsas de Estudo perpétuas para serem aplicadas a 2 estudantes: um continental e o outro ultramarino.

Em 11 de Novembro de 1965 era recebida uma carta em que nos comunicava a concessão de uma Bolsa de Estudos para ser aplicada a um estudante do Continente, mas abria a perspectiva de «no fim do ano, ser revisto o assunto apresentado, de modo a tentarmos dar-lhe mais ampla satisfação».

De facto a Fundação Calouste Gulbenkian criou uma outra Bolsa Perpétua em Outubro de 1968 para ser aplicada a um estudante ultramarino.

Entre 1966 a 1993 usufruíram destas Bolsas de Estudo 20 estudantes que tiveram a sua estadia no Colégio totalmente gratuita, usufruindo dos mesmos benefícios dos outros estudantes sem *qualquer encargo*.

A acção da criação das 2 Bolsas de Estudo pela Fundação Calouste Gulbenkian foi dum alcance social importante, pois permitiu a formação a esses 20 estudantes e continuará a funcionar no futuro para bem de outros. Para assegurar esta «fundação» existe um protocolo assinado em 3 de Fevereiro de 1966 pelo Dr. José de Azerêdo Perdigão e pelo Director do Colégio Universitário Pio XII, tendo apenso os Estatutos porque se regem essas Bolsas de Estudo, assinado em 22 de Novembro de 1965.

O Colégio Universitário Pio XII, além dessas 2 Bolsas perpétuas, conseguiu criar um *Fundo Social* com donativos conseguidos de outras instituições nacionais e estrangeiras, cujo rendimento é aplicado a estudantes de famílias carenciadas, ou em circunstâncias de crise financeira familiar, de modo a seus filhos poderem continuar seus estudos sem interrupção.

6 — Oferta de Livros

A Biblioteca do Colégio Universitário Pio XII tem sido beneficiada com a oferta dos livros publicados pela Fundação Calouste Gulbenkian, especialmente a colecção de Textos Universitários e as revistas «Colóquios».

GERTAL ESCOLAR ALIMENTA O FUTURO



gertal

Gestão de Qualidade

O equilíbrio alimentar é uma condição necessária ao bom desenvolvimento da criança e do adolescente. Os profissionais da GERTAL, apoiados por uma selecção e uma formação rigorosas e por uma vasta experiência em inúmeras instituições escolares, asseguram-lhes uma relação de confiança e um Serviço de Qualidade. Por isso os Alunos, os Professores e os Auxiliares Educativos usufruem do prazer de uma relação esmerada com base em produtos rigorosamente seleccionados.

7 — «As Capelas Imperfeitas»

Datada a 16 de Dezembro de 1968 foi entregue pessoalmente no dia 17 pelas 17 horas ao Sr. Dr. Azerêdo Perdigão uma exposição relativa à construção dum pavilhão destinado a recém diplomados, estagiários e doutorados.

À data não existia em Lisboa e continua a não existir, nenhuma instituição com esses objectivos.

A conversa versou esse problema, mostrando-se muito interessado na sua solução pois no fim da conversa solicitou a presença dos Arqt.^{as} Sotto Mayor de Almeida e Campello, responsáveis do Serviço de Projectos e Obras, para terem uma conferência comigo, visitar o Colégio Universitário Pio XII e elaborar um projecto adequado dos objectivos expostos na exposição, que lhe tinha sido entregue.

O projecto estava pronto em Julho de 1969 porém, o ambiente universitário que se respirava em Lisboa e Coimbra como consequência do que se passou em Maio de 1968 em Paris, deveria ter influenciado o Dr. Azerêdo Perdigão, pois o projecto não teve sequência e foi mandado arquivar.

O interesse pelo projecto seria retomado em 1976 e 77 apoiando o Director do Colégio Universitário Pio XII para fazer duas visitas nesses dois anos às instituições universitárias inglesas donde trouxe novos elementos.

Num documento de 7 de Outubro de 1980 dirigido ao então Secretário de Estado do Ensino Superior Prof. Doutor Sebastião Formozinho Sanches, levantou-se de

novo o problema da construção do pavilhão chegando-se a um acordo entre o Ministério da Educação, os Reitores das 3 Universidades de Lisboa e a Direcção do Colégio Universitário Pio XII, aproveitando o estudo já feito no «Serviço de Projectos e Obras» da Fundação Calouste Gulbenkian, que nessa altura foi de novo contactada abrindo-se um diálogo ao possível apoio financeiro por parte da Fundação, toda vez, que o Ministério da Educação apoiava a construção do pavilhão.

Porém, os tempos já eram outros e surgiram outras dificuldades, não de ordem financeira, que impediram a realização do projecto, ficando arquivado até hoje no Arquivo do Colégio Universitário Pio XII. Novas «Capelas Imperfeitas» que viveram na imaginação dos que as pensaram e não passaram de «Projectos de Obras» realizados no papel.

Diga-se em honra da verdade, que o projecto encontrou sempre bom acolhimento no Dr. José de Azerêdo Perdigão e na Direcção Geral do Ensino Superior, sendo nessa altura Director-Geral o Doutor Eng. Eduardo Marçal Grilo.

8 — Para terminar

Não desejo afirmar que o nosso Colégio Universitário Pio XII tenha sido uma instituição *previdenciada*, pois certamente outras muitas instituições também foram apoiadas, tanto ou mais que o nosso Colégio.

Porém, quero afirmar que a Direcção do Colégio manifesta aqui pública e solenemente o seu agradecimento ao 1.^o Presidente de Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian e faço os melhores votos para que a Fundação seja fiel ao espírito do Fundador e do 1.^o Presidente.

E termino como comecei.

«Louvemos os homens ilustres, nossos antepassados, segundo as suas gerações.

Eles governaram nos seus estados, homens afamados pelo seu poder, conselheiros pela sua inteligência, videntes de tudo pelo dom profético.

Todos eles alcançaram glória entre os seus contemporâneos e foram honrados no seu tempo.»

Entre eles há quem deixou nome e um deles é o Senhor Doutor José de Azerêdo Perdigão. Disse.

Lisboa, 26 de Novembro de 1993

(Pe. Joaquim António de Aguiar)

(¹) Esta conferência foi lida na Sessão Solene da Academia no dia 26 de Novembro na Sessão de admissão como «Académico de Número», sucedendo ao Senhor Doutor José de Azerêdo Perdigão.



A Direcção do Instituto D. João de Castro deseja a todos os seus leitores e amigos, alegres e felizes Festas da Páscoa da Ressurreição do Senhor, fazendo os melhores votos para que a «Visita do Senhor às nossas casas» seja penhor das suas bênçãos

VIDA DO INSTITUTO

1 — O Presidente da Direcção do Instituto D. João de Castro Pe. Aguiar, foi eleito por unanimidade, Académico de Número da Academia Internacional da Cultura Portuguesa na Assembleia Geral realizada no dia 30 de Setembro de 1993 para ocupar a vaga de Académico de Número aberta pela morte do Doutor José de Azerêdo Perdigão.



Pe. JOAQUIM ANTÓNIO DE AGUIAR — Académico de Número da Academia Internacional de Cultura Portuguesa que ocupou o n.º 12 pela Vaga aberta pelo falecimento do Sr. Doutor José de Azerêdo Perdigão

No dia 26 de Novembro pelas 18 horas no anfiteatro da mesma Academia na Sociedade de Geografia de Lisboa, tomou posse fazendo o elogio do seu antecessor, referindo-se às relações havidas entre o Doutor José de Azerêdo Perdigão, enquanto Presidente do Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian e o Colégio Universitário Pio XII.

Dessas relações surgiram benefícios para o Colégio Universitário Pio XII através da fundação de 2 bolsas de Estudo perpétuas e apoios financeiros para a realização dos 25 Encontros Universitários realizados pelo Centro de Cultura Europeia a partir de 1965 e dos 5 «Forum» realizados de 1990 a 1994 inclusivé.

O trabalho então lido é publicado neste N.º de Roteiros.

2 — COLÓQUIO «O JAPÃO NA CORRIDA À CONQUISTA DA ALDEIA GLOBAL»

No contexto dos 450 anos do primeiro encontro de Portugueses com Japoneses em 23 de Setembro de 1543, a Direcção do Instituto D. João de Castro de colaboração com as Direcções da Associação de Antigos alunos do Colégio Universitário Pio XII e do Centro de Apoio à Juventude João Paulo II realizou um Colóquio no anfiteatro do Centro de Apoio à Juventude João Paulo II subordinado ao tema «O Japão na corrida à conquista da Aldeia Global».

O Colóquio teve uma participação de 75 estudantes universitários e a colaboração do Prof. Doutor Políbio Valente de Almeida, que dissertou sobre a Geopolítica Japonesa e o Dr. António Santana Carlos do Ministério dos Negócios Estrangeiros que focou as áreas económica e financeira japonesas.

Encerrou o Colóquio o Presidente do Instituto D. João de Castro, focando a importância do Oceano Pacífico no novo contexto, que se está criando naquela área do mundo.

Seguiu-se o jantar de convívio no Centro de Apoio à Juventude João Paulo II oferecido pela Direcção do Instituto D. João de Castro.

3 — HOMENAGEM AO PROF. DOUTOR ADRIANO MOREIRA NA SOCIEDADE DE GEOGRAFIA DE LISBOA

No dia 20 de Janeiro, na Sociedade de Geografia de Lisboa foi prestada uma justa homenagem ao Prof. Doutor Adriano Moreira que foi o 18.º Presidente daquela prestigiada Sociedade, pelo modo brilhante e activo como dirigiu aquela instituição durante os anos de que foi Presidente.

Abriu a Sessão o actual Presidente, Almirante António de Sousa Leitão passando a palavra ao Prof. Doutor Justino Mendes Almeida, Académico da Academia Internacional da Cultura Portuguesa, Sócio da Sociedade de Geografia e Reitor da Universidade Autónoma de Lisboa e que traçou o perfil do homenageado.

A seguir foi descoberto o retrato, e o Presidente da Sociedade de Geografia ofereceu ao homenageado a Medalha de prata da Sociedade.

Ao acto assistiram numerosos sócios da Sociedade de Geografia de Lisboa, Académicos da Academia Internacional da Cultura Portuguesa e do Instituto D. João de Castro.

«Roteiros» recolhe nas suas páginas — o discurso de belo corte literário e académico em que foca o perfil do Prof. Adriano Moreira.